



O podcast como impulsionador de audiência do radiojornalismo científico

Paulo Roberto Santhias¹

Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, Portugal, e
em Jornalismo no PPGJOR – UFSC/BR

Resumo: Rádios universitárias e públicas do Brasil e Portugal vivenciam a experiência inédita do podcast como veículo de comunicação da ciência e jornalismo científico. Neste artigo são discutidos programas produzidos para emissões hertzianas e reinseridos nos sítios eletrônicos das rádios. O arquivo de transmissão de áudio serve também a programações em rádio aberta. O formato encontra-se em expansão. Emissoras universitárias produzem conteúdos de ciência para o rádio hertziano, contudo as edições são repostadas nos sítios eletrônicos sem haver alteração da edição. Já a escuta individualizada e assíncrona propicia à ação autônoma do ouvinte. Além disso, 2019 é considerado o ano de investimentos no podcast através das maiores corporações do mundo digital. O tema requer a atenção de investigadores do radiojornalismo científico e áudio.

Palavras-chave: Podcast, rádio universitária, jornalismo científico.

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, Portugal, e em Jornalismo no PPGJOR – UFSC, orientado por Prof Dr. Ricardo Morais (UBI) e Prof Dr.^a Valci Zuculoto (UFSC).

1. Introdução: 2019 – o ano do Podcast

O podcast está na mira das maiores corporações de comunicação do mundo. O formato de áudio produzido através da comunicação digital atrai as atenções de global players como o Spotify, iTunes, SoundCloud e, mais recentemente, o Google Podcasts. Corporações gigantes investem fortunas no setor de produção a fim de desenvolver o Podcast. O aplicativo do Google concentra níveis de investimentos elevados.

O relatório Journalism, Media and Technology Trends and Predictions, do Instituto Reuters e Universidade de Oxford, lançado em janeiro de 2019², informa na página 36: “O aplicativo de Podcast do Google foi lançado em junho e é acompanhado por um programa de criação de conteúdo mais diversificado, incluindo um esforço para gerar mais vozes de países não desenvolvidos.”

Os principais jornais e emissoras de rádio do mundo, como o New York Times e a BBC miram também neste setor, visando a reposição dos conteúdos nesses espaços gratuitos como agregação das matérias publicadas, e como captação e auscultação de um público ávido pela narração de áudio e com uma história interessante.

Entretanto, há uma diferença entre podcast (produto) e podcasting (o circuito operacional). Inicialmente nesta pesquisa, alinha-se uma conceituação e definição do que é o podcast e podcasting.

Podcast corresponde à junção das letras da expressão em inglês: Pod “Personal On Demand”, que em português significa “pessoal sob demanda”, sem a letra I. Já a palavra cast compõe a expressão derivada de Podcast, derivada de IPod, corresponde ao equipamento da Apple que reproduz o som, com o final da expressão “broadcast”, em tradução livre radiodifusão. Criou-se a expressão Podcast.

Podcasting é a transmissão do arquivo digital. Ressalta-se que a operação pode ser tanto para arquivos de som como também de imagem e som. No caso de áudio e

² <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2019> (acedido a 13.05.2019; às 09h23)

vídeo no mesmo arquivo denomina-se videocast. A transmissão é feita de um computador a outro, peer-to-peer (P2P), ou acedendo ao servidor – uma base de dados – e em rede, para baixar os conteúdos e ouvi-los imediatamente ou depois.

Para auscultar o podcast no smartphone, computador, tablet e rádio no carro (central multimídia), o ouvinte deve assinar o registro no RSS FEED, que agiliza a leitura tecnológica de arquivos e a audição do podcast. O formato de distribuição de notícias e demais conteúdos faz parte das conexões estabelecidas pelos portais eletrônicos das emissoras. No site mundocast o interessado em criar o seu espaço na internet encontra o Tutorial: como criar um podcast³.

Pesquisas e artigos publicados quase 15 anos atrás demonstram que o arquivo de áudio digital é um meio consagrado por professores brasileiros e portugueses como forma pedagógica complementar à transmissão do conhecimento e da continuação da aprendizagem fora da sala de aula. Os atos de falar, ouvir e repetir constituem-se importantes para o êxito no processo ensino-aprendizagem. Os educadores lusitanos João Bontout e Clara Coutinho definem alguns aspectos do potencial educativo do podcast: “Se os alunos forem estimulados a gravar episódios aprendem muito mais, pois terão maior preocupação em preparar um bom texto e disponibilizar um material correcto e coerente para os colegas;”.⁴

O podcast encontra-se ainda em fase de apropriação e desenvolvimento por emissoras de rádio brasileiras e portuguesas, além de sítios eletrônicos de jornais, como o da Folha de São Paulo, intitulado: Café da Manhã, disponibilizado de segunda a sexta-feira, no portal de notícias. As empresas assimilam e apropriam-se do formato de uma nova opção de linguagem radiofônica a captar a ouvintes e impulsionar audiências. Trata-se de uma das características essenciais à captação da atenção do público.

O arquivo digital sonoro é ponto de atração individualizado e concentrador à atenção do ouvinte. Enquanto as transmissões nas estações de rádio são feitas por ondas hertzianas, ao vivo ou não, o podcast é gravado para ser escutado posteriormente.

E há um valor essencial à contemporaneidade. O podcast é uma mídia hodierna por ter característica assíncrona. A audição acontece através de streaming ou pelo carre-

³ <https://mundopodcast.com.br/podcasteando/tutorial-como-criar-um-podcast/> acessido a 18.07.2019, às 15h35.

⁴ . <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf> (acedido a 17.07.2019)

gamento do arquivo que pode ser ouvido imediatamente, em outra hora, ou em etapas, em qualquer lugar, no smartphone, tablet, computador, smart TV e no rádio do carro, denominado, hoje, como central multimídia.

2. O “rádio expandido” pelo podcast no Brasil e Portugal

Muitas estações de rádio no Brasil e em Portugal estão a instalar e a desenvolver modelos próprios de narrativas em formato podcast. E a descobrir os percalços e as capacidades de impulsão à audiência e interações com os ouvintes. Herschmann e Kischinevsky perceberam essa fase de realinhamento:

“O podcasting desperta especial interesse devido ao fato de que o meio rádio – que já foi veículo privilegiado em projetos de construção de identidades nacionais e esvaziou-se ao longo das últimas décadas – vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica. Diversos sistemas de rádio digital encontram-se em fase de testes ou implantação, alterando dramaticamente a forma de recepção radiofônica, com desdobramentos profundos na indústria da cultura e do entretenimento.” (KISCHINEVSKY; HERSCHMANN, 2008, 102)

As pesquisas iniciais apontam que no Brasil a primeira transmissão de podcast foi registrada em 20 de outubro de 2004, quando o podcaster – produtor de podcast – Danilo Medeiros lançou o Digital Minds.

Percebe-se, contudo, que há um espaço histórico considerável a ser preenchido.

Em Portugal, as informações de veiculação do primeiro podcast são poucas e também precisam ser levantadas. O registro é de que a primeira transmissão ocorreu no dia 14 de junho de 2007, feita por Duarte Velez Grilo, intitulada: Uma série de informações sobre a infância de Amadeu Dias (Blitzkrieg Bop # 46). A plataforma iTunes respondeu não haver gravação sobre este assunto.

Tal qual no Brasil, o contexto português requer pesquisa e investigação rigorosa visando à representação histórica do Podcast a fim de preservar a memória da mídia lusitana, urgentemente.

Ademais, no Brasil e em Portugal, jornais impressos e emissoras de rádio incorporaram o podcast há algum tempo, com o objetivo de captar leitores e ouvintes, os quais passaram a acompanhar as edições de podcast emitidas pelos veículos.

A TSF Rádio Notícias, emissora precursora do podcast no país, lançou a primeira edição no segundo semestre de 2006. Nesse mesmo ano, o jornal impresso, Expresso, iniciou a transmissão dos áudios no sítio eletrônico. Começou por uma programação musical, segundo Ana Isabel Reis, “o Íntima Fracção de Francisco Amaral, que tinha um longo percurso nas rádios portuguesas e se transferiu para o site do semanário.” (REIS, 2018, 212).

No Brasil, a Rádio CBN, do Grupo Globo manteve, no primeiro semestre deste ano em seu sítio eletrônico o podcast explicativo do que é e como funciona a mídia: “O que são podcasts?” Seguido pela frase: “Se você ainda não sabe, a CBN vai te explicar, para você descobrir um novo universo de conteúdo. Ouça!” O convite é o elo entre a leitura no sítio e a audição. Ao clicar, a pessoa ouve a explicação sonora do produto recém lançado pela Estação.

A Folha de São Paulo, desde primeiro de janeiro deste ano, apresenta o programa Café da Manhã, em podcast, publicado no serviço de streaming Spotify, especializado em transmissões desse modal, como de música e vídeo. O programa é postado na internet de segunda a sexta-feira, às 6h da manhã, com a apresentação dos jornalistas Rodrigo Vizeu e Magê Flores e edição de Thomé Granemann. Os assuntos relacionam-se à política, cultura, economia, ciência e principais fatos da semana, como o do dia 12 de março, intitulado: “Joice Hasselmann diz que chegará a hora de Bolsonaro baixar o tom nas redes sociais.”⁵

Todavia, o podcast não se limita apenas as maiores corporações de mídia. Através das facilidades de infraestrutura e de edição emissoras pequenas, comunitárias e universitárias partem à produção de conteúdos. Majoritariamente são produções veiculadas nas programações hertzianas, e as edições são realocadas sem nenhuma alteração editorial específica para os sítios eletrônicos das emissoras. Deste modo, cria-se uma realidade realçada por Kischinhevsky:

“Ao produzir e veicular um *podcast*, o ator social assume um certo protagonismo no processo de comunicação, borrando as fronteiras entre o que se entendia o emissor e o receptor. Talvez seja a hora de passarmos a adotar um novo nome para este receptor-emissor, hoje mais apto a se fazer ouvir do que

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/03/joyce-hasselmann-diz-que-chegara-a-hora-de-bolsonaro-baixar-tom-nas-redes-sociais.shtml> (acedido a 13.05.2019; às 9h38)

em outro momento da radiodifusão – participações telefônicas em enquetes ou promoções são formas tuteladas, que envolvem uma série de filtros destinados, em última instância a “abafar” ou pelo menos controlar a voz da audiência.” (KISCHINHEVSKY, 2009, 232).

A disputa estabelecida enriquece o debate sobre a diferença entre podcast e radiodifusão. A discussão se é um produto radiofônico ou mídia digital produz muito ruído e ainda não foi concluída, embora diversas emissoras nos dois países tenham adotado o podcast como formato de narrativa jornalística. Manuseada pela perspectiva do hibridismo e da cultura radiofônica, é claro, trata-se de radiojornalismo.

Em processo de reformulação, observa-se que o rádio tem sido adaptado à mídia digital, suas modulações, performances e funções novas, incorporando até a linguagem imagética nos respectivos sítios eletrônicos. Surgem a web rádio, a rádio on line, ou a rádio via internet, diariamente. Daí formam-se conceitos em torno deste acontecimento de dimensão global, como desenvolve Marcelo Kischinhevsky através da ideia de rádio expandido:

“Propôs-se a noção de que o rádio é hoje um meio expandido, que não se limita às ondas hertzianas, integrando um complexo industrial de radiodifusão que abarca ainda a TV por assinatura, as web radios, o podcasting e serviços de rádio social – mídias sociais que tem no intercâmbio de áudio o seu principal ativo.”

Na entrevista com profundidade para o apresentador Marcus Aurélio, Rádio MEC RJ, Quadro “O Rádio faz História”, do programa Todas as Vozes, de 14 de junho de 2019, os professores Marcelo Kischinhevsky (UFRJ e PPGCOM – UERJ) e Luiz Ferraretto (UFRGS – PPGCOM) debateram conceitos e ideias sobre “Qual o futuro das plataformas para ouvir rádio?”.

Em resposta sobre a narratividade do podcast jornalístico nos EUA Kischinhevsky informa: “Nos EUA o que aconteceu é que o ecossistema do podcast cresceu graças ao sistema de radiodifusão pública... rádios públicas norte-americanas passaram a comprar essa produção.”⁶(15’27”) O ecossistema de podcast age também em parceria com as rádios universitárias norte-americanas, propiciando a prática do radiojornalismo investigativo de profundidade, incluindo o radiojornalismo científico. Há evidências no

⁶ <http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2019/06/o-que-vai-acontecer-com-plataformas-para-se-ouvir-radio> (acedido a 18.07.2019, às 10h07)

sentido de complementaridade por uso da linguagem e da cultura radiofônica em produções de podcast, nesse aporte adquirido à programação das emissoras públicas e universitárias.

Tal dinâmica parece estar sendo ponto de consenso entre ambos investigadores. À entrevista Luiz Ferraretto responde: “Se tiver linguagem radiofônica e tiver dentro daquela cultura que identifica uma determinada instituição como rádio, é rádio. O problema é saber se o público vai continuar a identificar isso como rádio ou não.”⁷ (16’48”). Em meio a dúvida levantada por Ferraretto percebe-se um tema específico a ser pesquisado, ainda que o ouvinte determine tratar-se de rádio.

3. Rádios universitárias e públicas e o Podcast de jornalismo científico

Em Portugal e no Brasil a alavancagem da audiência de dois segmentos de rádio (pública e educativa) é feita através de produções de áudios especificamente sobre ciência, expostos primeiramente em versão de sinal hertziano para, posteriormente, serem veiculadas em podcasts.

Paralelamente, o advento das tecnologias da informação e da comunicação ainda estão a alterar o processo e a transmissão das comunicações nas rádios, bem como a adequação de formatos e narrativas radiofônicas sob o efeito e influência do podcast de ciência. Configurou-se em áudio uma das mutações prevista por Bueno:

“Ocorre que, com a emergência das novas tecnologias, associadas à computação/informática, esta temática passou a ser fundamental na divulgação científica, com a criação de páginas e cadernos específicos em praticamente todos os veículos nacionais.”⁸

Em Portugal, a Rádio Antena 1 (emissora pública), de Lisboa, propicia ao ouvinte o programa 90 Segundos de Ciência na grelha de programação, diariamente, em duas edições, às 10h58 e 18h58. São divulgadas pesquisas científicas realizadas por investi-

⁷ <http://radios.etc.com.br/todas-vozes/2019/06/o-que-vai-acontecer-com-plataformas-para-se-ouvir-radio> (acedido a 18.07.2019, às 10h07)

⁸ [BUENO, Wilson. *Jornalismo científico: resgate de uma história*. Comunicação & Sociedade, 1999, metodista.br nº 30.](#)

gadores de universidades portuguesas. Há de salientar-se que o programa recebeu recentemente o Prêmio Gulbenkian Conhecimento 2019, em Portugal, como aclamação pela atuação em comunicação da ciência.

Na Universidade do Minho, em Braga, a Rádio Universidade do Minho, RUM 97,5 transmite o programa UM I&D, toda quinta-feira, das 20h às 21h. As edições são dirigidas à divulgação científica das pesquisas desenvolvidas na Universidade. A mesma produção é postada no sítio da Rádio e fica disponível para o ouvinte.

A Rádio USP (Universidade de São Paulo), por meio do Jornal da USP, tem o quadro “Ciência USP”. A matéria é apresentada tanto no jornal radiofônico, como em formato Podcast.

A Rádio MEC Rio de Janeiro traz dentro do programa “Todas as Vozes” o quadro “Ciência no Rádio”. O programa é irradiado desde 2015, todas as quartas-feiras pela manhã, na voz do apresentador Marcus Aurélio.

Um fato extraordinário de dimensão mundial exemplifica o crescimento do consumo dessa mídia específica. Na quarta-feira, 10 de abril deste ano, agências espaciais da Europa e dos EUA revelaram ao mundo as primeiras imagens do buraco negro no Universo. A Folha de São Paulo, de 10 de abril, reportou o acontecimento histórico através do Event Horizon Telescope:

“O buraco negro fotografado foi encontrado no centro da galáxia batizada de Messier 87, ou M87, região a 500 quintilhões de quilômetros de distância da Terra --ou 53 milhões de anos-luz (unidade que corresponde à distância percorrida pela luz em um ano)”⁹

O Jornal da USP, na Rádio da Universidade de São Paulo (93,7 FM), dois dias depois, analisou o feito. O professor João Steiner, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP, falou por 4’38” sobre a dimensão do fato para a ciência e o conhecimento:

“Este buraco negro está a 53,5 milhões de anos-luz da Terra e tem uma massa de 6,5 bilhões de vezes a massa do Sol. Esses monstros cósmicos, conhecidos como buracos negros, são pequenos, considerando a escala universal, mas

⁹ <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2019/04/10/primeira-imagem-de-um-buraco-negro-e-revelada.htm?cmpid=copiaecola> (acedido em 07.05.2019, às 17h15)

com uma massa imensa a ponto de gerar um efeito gravitacional gigantesco.”
10

A Rádio MEC RJ (800 KHz), no quadro “Ciência no Rádio”, através do programa “Todas as Vozes”, abordou o acontecimento histórico na edição de 22 de abril. O locutor Marcus Aurélio conversou com o investigador Ricardo Ogando do Observatório Nacional. O programa dura 9’34”. O pesquisador utilizou uma linguagem acessível para o público, e passou uma compreensão relativa a dimensão da conquista: “o buraco negro tem seis milhões de vezes a massa do nosso Sol.”¹¹

Em outro tema abordado o Laboratório de Áudio da Faculdade de Ciências Sociais da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) postou, a 25 de abril deste ano, no portal AudioLab o podcast intitulado: Maternidade no currículo: Projeto de pesquisadoras estima impacto de filhos na carreira científica¹². A produção e apresentação da matéria é de Gabriella de Souza, a edição final de Leonardo Pereira e a coordenação de Gisele Sobral.

A reportagem, com tempo de 9’02”, aborda o estudo “Parent in Science” cujo objetivo é discutir a maternidade e a paternidade entre a comunidade científica. A pesquisa aponta à queda de produção de trabalhos de mães cientistas ao vivenciar esse período materno.

O AudioLab informa em seu sítio na internet: todo podcast pode ser transmitido também por qualquer emissora hertziana, webmissora, baixado para ser auscultado posteriormente em qualquer equipamento digital.

4. UFSC e UFRGS apostam na sonoridade digital

Já a Agência de Comunicação (Agecom) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) decidiu investir neste meio para expandir ainda mais o conteúdo de serviço

¹⁰ Coluna Entender Estrelas, uma viagem pela astronomia, extraída do Jornal da USP, de 12 de abril de 2019. <https://jornal.usp.br/atualidades/quanto-pesa-a-via-lactea-2/> (acedido a 07.05.2019, às 17h35)

¹¹ <http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2019/04/como-enxergar-um-buraco-negro-no-espaco> (acedido a 07.05.2019, às 17h53)

¹² Reportagem AudioLab: <http://152.92.4.92/audiolab/?p=5088> (acedido a 08.05.2019; às 15h14)

de jornalismo científico elaborado pela Universidade. Desde o dia 30 de abril passou a publicar o “UFSC Ciência”.

O título do primeiro programa é Floripa ancestral¹³. Floripa é uma espécie de corruptela para o nome Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Durante 28’6” os repórteres Maria Clara Flores e Erick Sousa entrevistaram dois investigadores.

A arqueóloga Luciane Zanenga Scherer, do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC (MARquE) e o pesquisador e colaborador Simon-Pierre Gilson, do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA) comentaram e explicaram como ocorreu a ocupação pré-colonial de Santa Catarina, realçando a contribuição do povo de Sambaqui à região.

O serviço de podcast de divulgação e jornalismo científico tem edição quinzenal e informa sobre trabalhos de alunos, professores e pesquisadores da Universidade.

Já o podcast da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) elaborado em parceria com a Rádio UFRGS é o que tem mais tempo de produção. Intitulado “Fronteiras da Ciência”¹⁴ anuncia no portal eletrônico que este ano será veiculado o programa de número 400.

Já o portal mundopodcast¹⁵ registra no Brasil 2.152 podcasts, sendo 1.716 classificados como ativos. O sítio eletrônico instrui e orienta o interessado em produzir podcast.

5. Considerações Finais

Produções de podcast de divulgação da ciência e jornalismo científico crescem e transformam a audiência a quem aprecia esta área da comunicação. Constrói-se um espaço no mundo digital por meio de podcasts agregados aos portais das emissoras de Rádio e de novos sítios eletrônicos específicos do setor. O podcast e o rádio e especiali-

¹³ Primeiro Podcast UFSC Ciência: <https://soundcloud.com/ufsciencia/ufsc-ciencia-ep-1-floripa-ancestral> (acedido a 08.05.2019; às 15h43)

¹⁴ <http://www.ufrgs.br/frontdaciencia/> acedido a 16.07.2019, às 21h42.

¹⁵ <https://mundopodcast.com.br/teiacast/> acedido a 16.07.2019, às 21h46.

zam, complementam-se e transformam o dia a dia do cidadão, conforme enuncia Castells:

“O rádio foi-se especializando cada vez mais, com estações temáticas e subtemáticas (tais como as de vinte e quatro horas de música ou de dedicação exclusiva a um cantor ou grupo pop, por vários meses, até o surgimento de um novo sucesso). Os programas de rádio preencheram o tempo de passageiros, nos meios de transporte, e de trabalhadores, em horários flexíveis.” (CASTELLS, 2005, p.444)

O jornalismo científico e a divulgação da ciência elaborados nas rádios universitárias de Brasil e Portugal, neste segundo decênio do século XXI, decorrem da especialização da área, iniciada na segunda metade do século XX, conforme historiciza Ferraretto: “A especialização dá mais qualidade ao noticiário. O repórter conhece o assunto e suas fontes. O material produzido torna-se mais preciso e aprofundado, daí a sua importância e necessidade.” (FERRARETTO, 2001, 256)

Tais produções radiofônicas, o compartilhamento de podcasts de ciência procedentes de universidades brasileiras e as informações de C&T divulgadas pelas agências de comunicação universitárias criam um panorama novo sonoro favorável à comunicação da ciência já em curso nos dois países. A rádio pública portuguesa Antena 1 veicula o programa 90 Segundos de Ciência, em duas edições diárias: às 18h58, primeira edição e a representação no dia seguinte, às 10h58. Programas exibidos há três anos. E há espaço para a diversidade de assuntos nos programas, como informa a reportagem do jornal Público:

“Em cada episódio, um cientista expõe o seu trabalho, desde as ciências naturais, passando pelas humanidades até à agronomia. ‘O objetivo é ter diversidades de temas, de investigadores e de localizações’, explica António Granado, professor na FCSH e um dos coordenadores do programa, juntamente com Paulo Vicente (da FCSH) e Joana Lobo Antunes.”¹⁶

Diante disso, experimenta-se o compartilhamento da ciência e do conhecimento advindos das universidades. Opção importante e legítima para transmitir o que é a produção científica de universidades públicas para ambos os cidadãos desses e de outros países.

¹⁶ <https://www.publico.pt/2017/11/21/ciencia/noticia/ha-um-ano-que-se-ouvem-90-segundos-de-ciencia-na-radio-e-ja-se-pensa-na-televisao-1793340> (acedido a 19.07.2019; às 09h43)

Serve também como material de apoio pedagógico, sem substituir a figura do professor da disciplina.

Salienta-se que a linguagem radiofônica, além da assincronia, permite a reprodução do áudio infinitas vezes, em qualquer local e momento. Método relevante na escuta do conteúdo. Por extensão, contempla-se a McLuhan e a ferramenta humana imprescindível à comunicação, “Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana.” (MCLUHAN, 2005, 147).

A tecnologia e a radiofonia são inseparáveis e, com isso, guia a trajetória do rádio do século XXI. A digitalização conduz ao “rádio expandido”, a mobilidade e a ubiquidade com formatos novos de escuta. Nesta perspectiva, corrobora a ideia de Valci Zuculoto, para o rádio e para o podcast:

“E a mobilidade para a audiência – uma das grandes vantagens do rádio que continua a fazer deste meio um dos mais apropriados para receber informação – ao mesmo tempo e que garante a sua permanência como veículo informativo necessário, também passa a exigir mudanças e adequações da produção radiojornalística – na forma, na linguagem, no conteúdo, entre outros.”(ZUCULOTO, 2012, 172)

Em tempos de tecnologia 4G e 5G vale ressaltar os “pilares do rádio”, como dito por Marcelo Kischinhevsky durante a entrevista em profundidade para o programa “Todas as Vozes”, da Rádio MEC RJ, acentuando a questão emocional e o companheirismo próprio do veículo:

“Rádio é hábito, rádio é vínculo afetivo, é a relação que você estabelece com o comunicador, com aquela programação. Então a gente não pode desconsiderar isso, e colocar uma programação qualquer que você desvincule esse elo, esse vínculo com a audiência.”

Há de reiterar-se também o ensino e à pesquisa desenvolvidos no meio acadêmico. Além de a curiosidade do público pelos fatos científicos ganhar força na atualidade, o ensino do jornalismo científico perpassa pelos campi universitários, onde são incentivados por meio de disciplinas de jornalismo científico na pós-graduação, em Portugal. No Brasil a disciplina é ministrada em algumas graduações e em cursos de especialização lato sensu, mestrado e doutoramento em jornalismo científico, ou comunicação social alinhada a divulgação da ciência ou jornalismo científico.

Os produtores de podcast de universidades, rádios universitárias e públicas têm a responsabilidade de desenvolver o potencial desta mídia. Nada mal em períodos de busca por formatos novos visando a captura maior do número de ouvintes.

Além de anuir com o pensamento de Kischinhevsky, sobre os pilares do rádio, concordamos com reflexões no raciocínio de Luiz Ferreretto, sobre o conceito em construção do podcast:

“Particularmente vejo no podcast, senão totalmente rádio como a gente conheceu hoje, o nosso irmão mais novo e com muita esperança de que ele vá crescer e se desenvolver. Mas tenho muito medo de numa situação econômica como a brasileira, e numa situação de gestão como a brasileira, em outras palavras, onde muitas vezes a gente têm empresas pensadas ainda com uma visão dos anos 50, ou 40, que o nosso mercado de rádio, na realidade, ele diminua de tamanho. A gente tenha menos emissoras, talvez a gente tenha mais produtores de conteúdo, menos emissoras tradicionais, muito podcast, agora a gente resta saber o que vai conseguir sobreviver com isso. A gente vê alguns indícios positivos.”¹⁷

Ao encerrar destaca-se o comentário de Herschmann e Kischinhevsky como fatores a atrair a atenção de ouvintes de podcasts:

“Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos podcasts. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio de diretórios que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes, com ancoragem nas rádios convencionais.” (KISCHINHEVSKY; HERSCHMANN, 2008, 102)

Sobretudo em tempos de disrupções políticas, perseguições a professores, cientistas, pesquisadores e estudantes. Eles têm boas histórias de ciência a contar para o radiojornalismo científico.

¹⁷ <http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2019/04/como-enxergar-um-buraco-negro-no-espaco> (acedido a 07.05.2019, às 17h53)

Bibliografia:

BONIXE, Luís. In: JERÓNIMO, Pedro (org.). **As rádios locais portuguesas na transição para a internet**. In: **Media e Jornalismo na Era Digital**. LabCom-IFP, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume I – A Sociedade em Rede**; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

FREIRE, Eugênio P.A. **Podcast: Breve história de uma nova tecnologia educacional**. Educação em Revista, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, Jul.-Dez., 2017

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “**geração podcasting**” e os **novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Revista Famecos, Porto Alegre/RS, nº 37, dezembro de 2008, pp. 101-106.

FERRARETTO, Luiz A. **Rádio – O Veículo, a História e a Técnica**. Editora Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 2001, 2ª Edição.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora**. Observatório (OBS*), Jornal 8, 2009, pp. 223-238.

MCLUHAN, Marshall. **Teorias do Rádio: Textos e contextos**. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Rádio: O Tambor Tribal**. Florianópolis: Insular, 2005, v.1, p. 143-52.

REIS, Ana Isabel. **O áudio invisível: uma análise ao podcast dos jornais portugueses**. Revista Lusófona de Estudos Culturais, vol.5, nº 1, 2018.

ZUCULOTO, Valci R.M. **NO AR: A história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis, Editora Insular, 2012.

Artigos:

BOTTENTOUIT JR, João B.; COUTINHO, Clara P. **Podcast em educação: um contributo para o estado da arte**. Universidade do Minho (UMINHO), Braga Portugal, 2007. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf> (acedido a 17.07.2019)

[BUENO, Wilson. **Jornalismo científico: resgate de uma história**. Comunicação & Sociedade, 1999, metodista.br nº 30.](#) (acedido a 10.07.2019; às 22h10)

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Compartilhar, etiquetar: interações no rádio social**. PPGCom – ESPM, Comunicação mídia e consumo. ano 11 vol. 11 n. 30 p. 143-162 jan./abr. 2014 (acedido a 18.07.2019; às 18h21)

Webgrafia:

Entrevista Rádio MEC RJ, programa “Todas as Vozes”, disponível em:
<http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/2019/06/o-que-vai-acontecer-com-plataformas-para-se-ouvir-radio> (acedido a 18.07.2019; às 10h07)

Sítio eletrônico Mundo Podcast, disponível em:
<https://mundopodcast.com.br/podcasteando/tutorial-como-criar-um-podcast/> (acedido a 16.07.2019; às 21h46)